

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Uma crítica ao idealismo em favor de uma certa autonomia da política [A critique of idealism in favor of a certain autonomy of politics]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Culleton, Alfredo
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-03 02:50:26
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162085

Uma crítica ao idealismo em favor de uma certa autonomia da política

POR ALFREDO CULLETON

“A tese do Hans Küng é, e é aqui reside a sua originalidade, de que é preciso que se reconheça uma certa autonomia ao fator político, que não pode estar inteiramente submetido nem à lógica científica e às leis econômicas nem também às normas jurídicas e aos ideais morais, como muitos gostariam. O certo é que entre política e ética existe uma tensão inevitável, que precisa ser sustentada e não resolvida. De todas maneiras, exige-se um novo paradigma humano da política, determinado pela ética, proporá ele”, escreve o filósofo argentino Alfredo Culleton, em artigo inédito, escrito com exclusividade para a IHU On-Line. Confira a seguir a íntegra do material. Os subtítulos são nossos.



Culleton é graduado em Filosofia, pela Universidade Regional no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), mestre em Filosofia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e doutor em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente, leciona nos cursos de Graduação e Mestrado em Filosofia na Unisinos. Confira a entrevista concedida pelo filósofo à IHU On-Line edição 160, de 17-10-2005, junto com o historiador Nilton Mullet Pereira, intitulada “Em nome de Deus: um retrato de época”, comentando aspectos do filme apresentado no Ciclo de Estudos Idade Média e Cinema, promovido pelo IHU. Outra entrevista com Culleton pode ser conferida sob o título “A interculturalidade medieval”, na edição 198, de 02-10-2006. Sua contribuição mais recente à nossa publicação aconteceu na edição 232, de 20-07-2007, quando junto com o jurista Vicente Barreto falou sobre “Ética mundial e Direito: uma contribuição de Hans Küng”.

Há um clamor por um novo paradigma político quando os Estados Unidos entram na Europa nos anos de 1917-1918. Hans Küng coloca Woodrow Wilson³⁶ como proponente de uma nova

³⁶ Thomas Woodrow Wilson (1856-1924): presidente dos Estados Unidos por dois mandatos consecutivos, que duraram de 1912 a 1921. Também integrou o Partido Democrata e foi reitor da Universidade de Princeton, em Nova Jersey. É considerado o pai do idealismo, devido a sua luta por uma Alemanha livre e com condições para um desenvolvimento econômico e democrático. (Nota da *IHU On-Line*)

ordem mundial que ele vai chamar de *idealista*, confrontado ao velho *realismo* identificado com a figura de Kissinger.

Wilson (1856-1924), acadêmico da Universidade de Princeton, presidente democrata, propõe, em 1918, os famosos *quatorze pontos: o programa de paz americano*, programa este baseado em três princípios:

a) liberdade para todos os povos; b) justiça para amigos e inimigos; c) garantia de paz através de uma liga das nações. Isto é interpretado como um conflito entre duas concepções

diferentes de diplomacia:

- 1 - A antiga política européia de uma paz imposta (realista),
e 2 - A nova proposta americana de uma paz justa (idealista).

O problema deste idealismo é que acabou gerando uma mentalidade missionária e com pretensões universalistas, e terminou elevando a guerra à condição de uma “*cruzada pela democracia*”, de motivação moral. Küng remete a um teólogo dos anos trinta chamado Reinhold Niebuhr³⁷, que no livro *Homem moral e política imoral*³⁸ faz uma crítica ao idealismo por este correr o risco de se tornar:

a) *Hipócrita* porque supõe como evidente que só a própria política e só as próprias instituições seguem princípios morais, sendo que todas as metas egoístas são camufladas por meio de discursos morais.

b) *Ilusórias*, por ser impossíveis de serem realizáveis como a de ser modelo para toda a terra, ou lemas como *América contra o reino do mal* de Ronald Reagan³⁹, que levam a desilusões e ao cinismo.

c) *Ineficaz*, porque toda política exige forças e sanções objetivas.

Wilson, efetivamente, não consegue impor-se na aspiração de uma nova ordem mundial construída menos sobre o poder do que sobre a justiça. Os *realistas* farão uma crítica radical à

³⁷ Reinhold Niebuhr (1892-1971): teólogo norte-americano e pastor evangélico. Ficou conhecido por ser envolvente nas questões públicas e por seu pensamento sobre a ética. Ensinava o pecado original e a posição caída do homem, fazendo parte da escola da neo-ortodoxa. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁸ *Moral man and immoral society: a Study of Ethics and Politics* (Library of theological Ethics, 2002). (Nota do entrevistado)

³⁹ Ronald Reagan (1911-2004): ator norte-americano formado em economia e sociologia. Foi eleito governador da Califórnia em 1966, e se reelegeu em 1970 com uma margem de um milhão de votos. Conquistou a indicação à presidência pelo Partido Republicano em 1980, e os eleitores, incomodados com a inflação e com os americanos mantidos há um ano como reféns no Irã, o conduziram à Casa Branca. Antes de ocupar a presidência, passou 28 anos atuando como ator em 55 filmes que não entraram para a história, mas que lhe deram fama e popularidade. Sua carreira no cinema terminou em 1964, em *The Killers*, único filme em que atuou como vilão. (Nota da *IHU On-Line*)

hipótese de “*uma harmonia natural dos interesses, que poderia ser mantida com um pouco de boa vontade e sabia compreensão humana*”.

Hans Küng dedica um longo segundo sub-capítulo à teoria política de Morgenthau, considerado um realista que entende, sobretudo, que a política é *gerenciamento de poder*. Os seus intérpretes se esforçarão por entender isto como oposto à moral, mas Küng busca entender diferentemente. Na realidade, Küng critica ambos os modelos e busca oferecer uma visão alternativa da relação entre poder e moral partindo de uma concepção antropológica que tem dois pontos fundantes: a) O homem, como ser ambivalente, e o poder, e b) a inevitável tensão entre política e ética.

a) **O homem como ser político** é um conceito que recebemos desde Aristóteles⁴⁰, mas que esse homem essencialmente aspira ao poder é um elemento novo introduzido por Nietzsche⁴¹. A partir disto, não podemos considerar nem o poder nem o homem como essencialmente

⁴⁰ Aristóteles de Estagira (384 a.C. - 322 a.C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas - por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega - acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴¹ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998); *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916); e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada Nietzsche e Paulo. A edição 15 do *Cadernos IHU em formação* é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da *IHU On-Line*)

bons e benéficos nem maus e demoníacos, mas o homem como ser complexo e ambivalente, entre a razão e a loucura.

Os homens, se fossem demônios, diz ele, nenhum governo seria possível; se fossem anjos, nenhum governo seria necessário. O que é poder, pergunta ele, respondendo que *“poder, de maneira geral, é a autorização, a possibilidade ou a liberdade de determinar sobre outras coisas, homens ou relações”*.

Max Weber⁴² que define o poder de maneira um pouco mais crua dizendo que é *“toda chance de, dentro de uma relação social, impor a própria vontade mesmo contra a resistência de outros, não importando em que esta chance se baseia”*; portanto, diz ele, *“toda qualidade que se possa imaginar e toda constelação imaginável pode colocar alguém na condição de impor sua vontade numa dada situação”*.

Poder a favor da vida

Por isso, *todo* homem tem algum tipo de poder pelo fato de ser portador de alguma qualidade. Disto se segue que o poder pode ser sempre bem empregado no sentido de ser a favor da vida humana ou mal empregado, utilizando-o de maneira desumana. De aqui se desprende que desde sempre foram imensos os esforços da humanidade para impor limites ao abuso do poder, sobretudo dos detentores do poder político.

Hans Küng relaciona uma lista de seis importantes conquistas/invenções, européias da humanidade contra o abuso do poder político:

⁴² Maximillion Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. Ética protestante e o espírito do capitalismo é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A edição brasileira mais recente foi publicada em 2004, pela Companhia das Letras. Com o título *Max Weber: a ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Cem anos depois, a *IHU On-Line* dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. De Max Weber o IHU publicou o *Cadernos IHU em formação* nº 3, 2005, intitulado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos *Repensando os Clássicos da Economia*, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da *IHU On-Line*)

1 - A domesticação do poder através da constituição e das leis;

2 - Participação no poder pela divisão dos poderes que se controlam mutuamente;

3 - Limitação do poder através de direitos fundamentais intocáveis. (lei natural até direitos humanos e leis pétreas da constituição);

4 - Moderação do poder pelo princípio da correspondência. (proibição de excesso na punição ou retaliação) (princípio da proporcionalidade);

5 - Participação no poder dos súditos do poder;

6 - Equilíbrio do poder através da diminuição do gradiente de poder. (buscar um equilíbrio entre grupos econômicos e sociais).

b) A inevitável tensão entre política e ética

Dirá Hans Küng que a posição realista possui sua verdade, que não deve ser menosprezada: seria ilusão, diz ele, fazer política com ideais abstratos, falsas esperanças e desejos utópicos. A realidade da política, mesmo que não deva ser equiparada à racionalidade, tem como tal que ser levada a sério e as ideologias que encobrem as relações de poder devem ser desmascaradas pela crítica da ideologia.

Entende que a própria política não é ciência, mas uma arte, *a arte de em cada nova situação reconhecer a tempo e intuitivamente qual é o caminho certo*. Esta afirmação merece um tratamento especial dado que acredito esteja querendo reforçar uma certa autonomia da política respeito da ética, da teologia e da ciência.

A tese do Hans Küng é, e aqui reside a sua originalidade, de que é preciso que se reconheça uma certa autonomia ao fator político, que não pode estar inteiramente submetido nem à lógica científica e às leis econômicas nem também às normas jurídicas e aos ideais morais, como muitos gostariam. O certo é que *entre política e ética existe uma tensão inevitável*, que precisa ser sustentada e não resolvida. De todas maneiras, exige-se um novo paradigma humano da política, determinado pela ética, proporá ele.